

(2006) **JOÃO DE MELO, O MAR DE MADRID.**

LISBOA, PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE.

Paula Alexandra de Sousa Cotter Cabral – Escola Secundária Vitorino Nemésio. Rua Comendador Francisco José Barcelos. 9760-434 Praia da Vitória.

Sob uma visão lúcida e reflexiva, neste novo romance de João de Melo, a prosa deixa ressoar o quotidiano, os dilemas do ser humano, as angústias e as emoções, sem nunca esquecer o lado poético da escrita.

Os leitores são conduzidos por um narrador irónico, à maneira garrettiana, numa viagem por terras peninsulares. Este narrador dá a conhecer os dois lados da «fronteira»: o «senhor poeta» português, Francisco Bravo Mamede e Dolors Claret, uma escritora catalã de novelas policiais. Percorrem-se os passos geográficos de Lisboa, Madrid e Toledo, em paralelo com os passos íntimos de dois casais em rota de colisão.

Em quinze capítulos, com introdução comentada, é aberto caminho para a apresentação das personagens e, simultaneamente, prepara-se o leitor para o relato que se vai seguir. O tom, muitas vezes coloquial, do narrador na relação dialógica com o «leitor», revela os comentários de um observador acutilante, contrastando com o discurso poético elaborado em torno do vate lusitano em Madrid. A atitude narrativa inicial acaba por marcar inequivocamente o pendor crítico e

irónico (quase sarcástico) deste cicerone ao longo da história.

É de contrastes e, também, de «estranheza» que vive afinal este romance. A estranheza geográfica fica vincada no discurso e no relato das experiências vividas pelo protagonista numa terra ibérica que seria supostamente una, mas que se assume desconhecida, como vizinhos em edifícios de uma grande metrópole.



A estranheza amorosa que ressalta do encontro literário em Madrid, núcleo de toda a trama, reúne Dolors Claret e Francisco Bravo Mamede e parece fomentar a união entre os opostos: espanhóis e portugueses, a narrativa e a poesia, a força impulsionadora do desejo amoroso e a cobardia de o enfrentar. Neste aspecto, pormenores aparentemente insignificantes exprimem valores da escrita deste texto e do perfil das personagens. As atitudes de Francisco Mamede, por exemplo, revelam-se contrárias à bravura implícita no seu nome.

A efabulação do protagonista sobre uma vida conjugal «outra», em oposição às vidas concretas, impulsiona as diferentes tentativas de concretização amorosa, os avanços e recuos, a coragem para assumir uma nova dimensão sentimental. Nesta construção imaginária de uma nova existência, surge a descrição de um mar especial, *O Mar de Madrid*.

Este romance é, por si só, um mar em metáfora. Um mar interior e imaginário construído dentro da própria ficção para estimular o leitor a aceitar essa existência: «acredite ou não [...], há em Madrid um mar, que o visitou o poeta numa gôndola de aluguer, indo depois parar à Atocha, onde ancoravam os navios construídos na cidade. E num deles se embarca» (p. 87).

O mar, os navios, a visão marítima da cidade, na qual as esquinas se eviden-

ciam como as quilhas dos barcos, constroem-se, por isso, poeticamente num discurso que coloca nas palavras a ânsia desse mar, um indesejado «mar ausente», tal como afirmou João de Melo numa entrevista dada ao *Jornal de Letras* (1 de Março de 2006).

Para Madrid confluem os escritores convidados para um encontro literário. No entanto, é também desse centro cidadão que se expandem os horizontes amorosos e éticos do «senhor poeta», um ser regido por normas rotineiras que condicionam grande parte dos seus actos literários e matrimoniais. A sensação de liberdade, em terras madrilenas, permite-lhe ceder ao ousado convite de Dolors para seguir viagem até Toledo. Impulsionado pelo espírito de D. Quixote, o andarilho lisboeta, embora comedido, vê-se a avançar para além do itinerário pré-definido pela consciência. Irá contra as suas linhas orientadoras. Viverá, juntamente com Dolors, a errância cidadina como fuga à monotonia, ao «terror absoluto das suas vidas passadas à distância de dois países» (p. 169).

João de Melo consegue, sem dúvida, através desta história, realçar a (in) comunicabilidade perturbadora entre dois países inexplicavelmente estranhos. Malgrado partilharem uma existência comum, estão equidistantes no desconhecimento e no desencontro.

Somos atravessados, ao longo de cerca de trezentas páginas, por um misto de efeito surpresa e de desejo de antecipação, no acompanhamento de uma história que nos vai criando expectativas quanto ao desenrolar dos acontecimentos.

A um ano de distância do tempo ficcional do romance, marcado pelo

narrador como o final da história («Madrid, 28 de Agosto de 2005 – domingo»), convida-se à leitura desta obra que reinventa sobremaneira os (des)encontros humanos e ibéricos na corrente de um mar onírico e ausente como é o de Madrid. PAULA ALEXANDRA DE SOUSA COTTER CABRAL